

# 1

## Introdução

O nome Friedrich von Schiller é, comumente, citado como um elo de ligação entre a filosofia crítica de Kant e a estética de Hegel. Como se a produção do autor não tivesse autonomia, como se ela não representasse outra coisa que não uma ponte conduzindo um pensamento ao outro. Injustiça. Em um grau imensurável. A obra de Schiller, pela vastidão das questões lançadas, pela fundamentação da argumentação e pela reflexão que, ainda hoje, pode suscitar, merece uma legitimação que a desloque desse desconfortável ponto a meio do caminho. Tanto no campo da filosofia quanto no da literatura, Schiller se destaca pela coragem de tentar romper com a tradição. Ele não hesita em discordar de Kant e, até mesmo, de anunciar a sua capacidade de produzir um texto trágico superior ao texto grego, ponto de partida do gênero.

É dessa ousadia que nasce a questão que dá corpo a esse trabalho: Schiller consegue, de fato, romper com a tradição? Suas idéias sobre a tragédia repousam mesmo em um espaço branco e frutífero? Ele consegue encenar no palco uma situação trágica que estimula as tendências estéticas do homem e, ao mesmo, traz a semente da modernidade? Pronto, estão lançadas as três perguntas que, servindo de mote para esta dissertação, não deixam de evocar a figura de Schiller em uma perspectiva libertária. Ao pôr todo o foco nas idéias schillerianas, me alinho aos que reconhecem a autonomia de Friedrich Schiller, e concedem-lhe a dignidade que merecem os seus estudos.

Para tal fim, optei por dividir a dissertação em cinco capítulos. O primeiro diz respeito ao contexto que cerca a produção de Schiller. Por um lado, temos uma Alemanha que sofre com o peso da emergência da civilização e que se confronta com o terror engendrado pela barbárie. A Alemanha, no século XVIII, se traduz na antítese francesa e isso representa, nos primeiros momentos, um terrível obstáculo à produção artístico-filosófica da camada burguesa. O período que antecede a explosão de uma fecundidade intelectual em termos literários e filosóficos na Alemanha é marcado por uma divisão entre aqueles que se moldavam segundo um modelo

eminentemente francês e aqueles que lutavam por fundamentar um modelo genuinamente alemão. Os primeiros se caracterizavam pela frieza moralizante e pelo decoro dissimulado. Já os segundos eram a tradução de uma naturalidade que procurava não ferir nem a si mesmo nem aos outros. Entre esses dois modelos de civilização, apresento uma noção de barbárie moderna, em resposta ao pavor francês diante da barbárie dos incivilizados. É pelo viés dessa barbárie da civilização que encontro o caminho para desenhar o panorama visto por Schiller.

Olhando sob outra perspectiva, temos um país em pleno cenário europeu, sob a influência dos movimentos e pensamentos que convulsionaram o século XVIII. A produção filosófico-literária da época é uma resposta a esses movimentos e, mais ainda, um esforço de germanização, de adaptação dessas idéias ao contexto e à cultura alemães. Pensando a arte os intelectuais alemães puderam pensar, também, as condições de produção dessa arte e os resultados esperados pela sua disseminação. Daí a valorização da cena teatral no contexto da arte.

O primeiro capítulo, então, é uma apresentação das bases que sustentam a tese de Schiller sobre a tragédia. Isso porque, caminhando entre a filosofia e a literatura, ele constrói um todo interligado, uma obra de tal modo unificada que não há como ler as suas investigações sobre as questões literárias sem recorrer aos seus mergulhos filosóficos. Suas contribuições literárias são tão efetivas quanto profundas são as suas contribuições filosóficas. E para aqueles que podem estranhar o uso da idéia de unificação para uma obra que é, normalmente, tida como cindida entre o romantismo juvenil e o classicismo adulto, apresento nesse mesmo capítulo, baseado em alguns textos, uma possibilidade de correção de um equívoco historiográfico que acaba por dificultar a classificação da obra schilleriana e, por conseguinte, a justa compreensão de sua proposta.

Isso posto, passo ao segundo capítulo, inteiramente dedicado a Immanuel Kant. Há uma breve introdução aos principais pontos de seu projeto crítico. E isso se justifica na assumida apreensão que Schiller faz das idéias kantianas. É fato que o que interessa, imediatamente, é a *Crítica da Faculdade do juízo*, obra na qual Kant revela suas teorias sobre o belo, o sublime, o gênio, enfim, sobre a experiência estética. No entanto, na medida em que essa terceira crítica representa uma ligação entre os

domínios teórico e prático, descortinados nas críticas precedentes, considere de extrema relevância a apresentação dos principais pontos tanto da *Crítica da Razão Pura* quanto da *Crítica da Razão Prática*.

Schiller, ao longo de sua inserção no terreno da especulação filosófica, dialoga com e contra Kant. É no seio do sistema kantiano que o autor encontra os argumentos necessários à refutação de alguns pontos e à reformulação de outros tantos. Dentre esses, o principal é o que afirma um fundamento inteiramente objetivo para o belo. Batendo de frente com Kant, Schiller defende que há algo no belo que nos impele a assim ajuizá-lo. Em um exemplo bem simples temos o seguinte: se Kant dissesse que alguém era bonito, esse alguém poderia responder com o modesto “são os seus olhos”, no que seria imediatamente seguido pela resposta “é verdade, são mesmo meus olhos”. Contudo, substituindo Kant por Schiller a resposta seria “não, há algo em você que me faz considerá-lo belo”. Daí que temos, grosso modo, que para Kant a beleza está nos olhos de quem vê e para Schiller o belo é uma atribuição do próprio objeto.

Esta é a principal distinção entre as concepções estético-filosóficas dos dois autores. E é uma questão crucial para ambos e ao redor da qual se ergue toda a construção de suas filosofias. Considerei, então, que a filosofia de Schiller não poderia ser aqui desvelada sem a presença da filosofia kantiana de onde ela, inequivocamente, deriva. Ademais, a constante evocação de conceitos como vontade, liberdade, sensibilidade, desinteresse, moral, para citar apenas alguns, poderia perder a significação em meio à obra de Schiller caso não fossem devidamente explicitados. O que seria feito de forma um tanto deficitária sem a participação de Kant. Portanto, o segundo capítulo é imprescindível ao resgate da filosofia schilleriana.

O capítulo seguinte trata das idéias de Schiller acerca da experiência estética. Uma vez esclarecidos os principais conceitos kantianos, o terreno se mostra, então, preparado para a explanação do fundamento objetivo do belo. A tese é a seguinte: belo é o que surge como se livre fosse. Para Schiller, a beleza não é outra coisa senão a liberdade no fenômeno. As significações embutidas nos conceitos de liberdade e de fenômeno devem muito a Kant, de modo que isso deixa ainda mais clara a inter-relação entre os dois autores. Sobre essa liberdade fenomênica temos que o objeto do

ajuizamento, isto é, o objeto em questão, se comporta aos nossos olhos de tal modo que acabamos por conceder a ele uma autonomia que não é real, mas apenas aparente. Essa aparência de liberdade, de autonomia, de autodeterminação é o belo.

A idéia de autonomia é, aos poucos, substituída pela heautonomia, que é, justamente, tornar o objeto em seu próprio sujeito. O objeto belo, em termos schillerianos, responde a regras determinadas por ele mesmo, ou seja, nada deve ao que é externo a eles. Na esteira desse pensamento, Schiller postula que o belo apenas pode ser encontrado na razão prática, visto que a liberdade no fenômeno é análoga a forma da razão prática. Portanto, Schiller realiza uma importante transição, deslocando o belo da razão teórica para a prática.

A sua argumentação sobre o belo serve de sustentação a sua proposta de educação estética. Por isso, na segunda parte deste capítulo há uma detalhada apresentação das bases dessa educação. Schiller sugere que o homem deve ser capaz de harmonizar razão e sensibilidade. Quando é apenas sensível, o homem não passa de um selvagem, agindo irracionalmente, obedecendo diretamente aos seus impulsos. No entanto, quando é apenas razão, o homem fecha todas as portas à sensibilidade, desconsiderando aquilo que não pode ser submetido a conceitos e fórmulas. Esse excesso de racionalização é resultado da busca desesperada do homem por uma civilização que apague os mais genuínos traços de barbárie. Da barbárie dos sentidos, que mais tarde se oporá a já citada barbárie moderna. Na seqüência, apresento o sublime em Schiller. Como corporificação do supra-sensível, o sublime tem um papel crucial na elaboração dos conceitos de tragédia.

No capítulo quatro, passo, finalmente, a tratar da tragédia. Baseado na noção de educação estética, Schiller oferece uma visão do teatro como instrumento de ordem moral, capaz de educar o homem. É no palco que o homem vê representada toda sorte de virtudes e vícios. E, assim, ele enxerga de tal modo as possibilidades da vida que se torna preparado para elas. Além disso, na medida em que assiste a representação dos vícios e a encenação das mais nobres virtudes, o homem passa a desejar para si a grandeza do herói e a suprimir com veemência qualquer traço em si mesmo que se aproxime do caráter vergonhoso do anti-herói.

A apresentação, neste capítulo, da tese schilleriana acerca do teatro, vem fechar uma espécie de círculo. Costuma-se dizer que a filosofia kantiana é um enorme sistema de teorias que se interligam. Digo o mesmo das especulações filosóficas de Schiller. Suas investigações sobre o belo culminam na idéia de educação estética. E esta, por sua vez, serve de alicerce para o desenvolvimento de suas teorias sobre o teatro e, por conseguinte, sobre a tragédia. Para o autor, não haveria nenhum outro gênero literário capaz de equacionar o papel moralizante do teatro e o despertar de sensações que servem à educação estética. A encenação da tragédia é a realização plena de uma determinação do próprio palco.

O que Schiller oferece e é revelado nesse capítulo é uma série de preceitos para o que ele decidiu chamar de tragédia moderna. Suas preocupações com o papel da arte acabam por conduzi-lo por um árido caminho de superação e definição. E ele se propõe a redesenhar o espaço da tragédia. Como dito anteriormente, a proposta dessa dissertação é analisar em que medida ele consegue realizar tal empreendimento, se, de fato, o que ele investiga dentro do tema tragédia tem mesmo uma conotação moderna. Ao discutir a função do teatro, ele abre um precedente para que acreditemos em uma nova perspectiva para o texto trágico, moldada de acordo com as descobertas filosóficas e com os investimentos literários da época moderna.

Daí, então, se justifica o quinto capítulo. O resgate das idéias de Aristóteles serve como contraponto na avaliação do caráter da tragédia schilleriana. Como representante da tradição, Aristóteles traz consigo uma carga formal, uma preocupação de natureza quase essencialmente racional. Isso porque ele se atém a forma do texto trágico, excluindo de sua análise quaisquer aberturas para a discussão do fenômeno trágico como situação humana. Ao propor uma tragédia moderna, o que se espera de Schiller, em um primeiro momento, é que, justamente, ele traga a tona esse aspecto humano do texto. É sobre o desenrolar dessa expectativa que se molda esse último capítulo. É nele que respondo as perguntas que serviram de ponto de partida para esse trabalho.

Em suma, essa dissertação se propõe a ser um recorte da obra de Friedrich Schiller. Tomando seus principais textos filosóficos, pretendo, na medida em que se discutem as delineações do belo e do sublime, sugerir o descortinamento do próprio

processo de escrita proposto por Schiller. Enquanto desvenda, ou procura desvendar, as mais pertinentes questões acerca da estética, o autor define uma série de premissas que, relacionadas a essas questões, condicionam o texto trágico, de modo a torná-lo o mais perfeito possível na realização de sua principal função: educar o homem. Esse trabalho repousa no limite entre a filosofia e a literatura. A filosofia de Schiller é o substrato de sua teoria da literatura. Dito de outra forma, a tragédia prefigurada por Schiller é a efetiva aplicação dos seus conceitos filosóficos. Se o homem carece de estímulos estéticos, se as experiências com o belo, o sublime, o comovente, entre outras categorias, podem transformá-lo, é no interior do texto trágico que o autor reconhece a excelência dessa transformação.

Assim, mesclando filosofia e literatura e transitando na tênue fronteira entre esses dois campos, essa dissertação é uma grande aventura, uma viagem pelos campos da estética e da literatura, uma busca pela essência da obra schilleriana. A coerência entre as suas propostas filosóficas e a sua produção literária revelam o desejo de Schiller de aproximar tanto quanto fosse possível o filósofo e o poeta. Na verdade, o autor dá a filosofia um papel secundário frente à literatura, colocando a primeira a serviço da última. Em um trecho de uma carta para Goethe, ele deixa claro o que pensa sobre isso:

Não posso expressar a dor que sinto quando comparo esse tipo de resultado com aqueles dos filósofos. Tudo é sereno e vivo no seu romance, harmonicamente resolvido e humanamente verdadeiro. Na filosofia, ao contrário, tudo é severo, rígido e abstrato: algo inatural, porque a natureza é sempre uma síntese enquanto toda a filosofia é antítese. Posso demonstrar, certamente, que em minhas próprias especulações tenho me mantido tão fiel à natureza quanto possa concordar com o conceito de Análise. Talvez tenha permanecido ainda mais fiel à natureza do que nossos estudiosos de Kant consideram possível ou permitido. No entanto, sinto uma distância infinita entre vida e raciocínio. Em momentos melancólicos não posso impedir-me de atribuir isso a uma inadequação em minha própria natureza, ainda que sob humores mais serenos eu veja que é apenas uma característica inevitável do assunto. Este tanto é certo, contudo: o poeta é o único *humano* verdadeiro, e o melhor filósofo é apenas uma caricatura comparada a ele. (Schiller, 1994, p.33)<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Tradução nossa. E todas as próximas citações em língua estrangeira também serão traduções nossas.